

MURILO MENDES E BERNANOS: DIÁLOGOS NA MEMÓRIA

TERESA DE ALMEIDA

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

Buscou-se no presente artigo focalizar a figura dramática de Georges Bernanos – autor francês que habitara no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial – evocada pelo poeta Murilo Mendes em “Instantané”.

Abstract

Article focuses on the dramatic figure of Georges Bernanos – French author who lived in Brazil during the Second World War – evoked by poet Murilo Mendes, in “Instantané”.

Palavras-chave

Memória,
conflagração,
invectivas,
religiosidade,
Deus,
demônio .

Keywords

Memory,
conflagration,
invectives,
religiosity,
God, demon.

Comunicação apresentada no Colóquio: “Bernanos et le Brésil”. Mesa-redonda “Bernanos e os intelectuais brasileiros”. Rio de Janeiro, UFRJ, 22 de agosto de 1998.

“G

eorges Bernanos subia de vez em quando a escada da casa onde eu me achava doente no Rio de Janeiro, durante a segunda Guerra Mundial.”¹ A voz que se ouve é a do poeta Murilo Mendes, e a cena evocada encontra-se num texto intitulado “Bernanos: instantané”, de 1961, elaborado em Roma, inserido numa obra de sua autoria, *Papiers* (1931-1974), constituída somente de escritos em língua francesa.

Assim, ao lado de textos em versos ou prosa homenageando artistas plásticos e poetas, conhecidos vários deles por Murilo Mendes em suas viagens pela Europa – tais como Pierre Jean Jouve, Max Ernst, Arp, ou o líder do surrealismo, André Breton –, lê-se o nome de Georges Bernanos. Nesse título sugestivo, “Bernanos: instantané”, conotando a presença do tempo fugaz (instantâneo), mas fixando de modo indelével, como numa fotografia para o poeta, a imagem do autor de *Sous le soleil de satan* que habitara entre nós durante o conflito mundial, de 1939 a 1945, principalmente em Minas Gerais.

Trata-se, portanto, aqui, de abordar o encontro dos dois intelectuais – o brasileiro, profundamente vinculado à cultura francesa e que nos anos 1950 viria a morar na Europa (Itália), e o estrangeiro, o francês, que na adolescência já se interessara pela América Latina e que permaneceria no Brasil durante alguns anos. Tal encontro nos é sugerido por “Bernanos: instantané” feito de reminiscências de Murilo Mendes, de curta extensão, conforme o indica o título, com uma dezena de fragmentos reconstituindo de certa maneira a figura física e a personalidade do outro intelectual, enfocado de diversos ângulos.

Observa-se então que predomina o emprego do tempo imperfeito em tais fragmentos, na visualização dos aspectos diversos de Bernanos, permitindo esse tem-

¹ Murilo Mendes, “Bernanos: instantané”, in *Papiers. Poesia completa e prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 1571-2.

po verbal o processo da reiteração ao longo das lembranças, tornando-as densas, preenchendo certamente na memória do poeta o vazio da ausência agravada sobretudo pela morte do romancista francês, que ocorrera em 1948.

Desse modo, Murilo Mendes focaliza o autor de *Journal d'un curé de Campagne* em posturas diferentes, o leitor vindo a apreender a imagem de algum modo oscilante do romancista com sua gestualidade exacerbada (lançando invectivas), ou quase humilde (apoiando-se fatigado nas muletas) ou voltada para Deus. Veja-se: “Mal se instalava numa poltrona, ele invectivava contra a chuva, contra o sol, contra Pétain”; “Era muito comovente para mim ver e ouvir o grande escritor cansado, apoiado nas muletas”; “Bernanos, essa eterna criança terrível, conhecia a fundo o poder do pecado”, e ainda “Esse homem vertical orava”. E numa das frases finais de “Bernanos: instantané”, nesse tipo de literatura de testemunho penetrado de poesia e em que se destaca a importância do espectador diante do objeto lembrado, lê-se: “Vislumbrava-se então nesse bom inquisidor, nesse cavaleiro dos oprimidos contra os erros inumeráveis do século vinte, um poeta”.²

É pertinente salientar que os intelectuais à volta de Georges Bernanos, no Brasil, nos anos 1930 e 1940 (nesse período crucial de conflagração européia e de ditadura getulista), como Tristão de Athayde, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt ou Lúcio Cardoso, eram católicos. Época em que o autor francês, em Pirapora, renuncia num gesto extremo à literatura romanesca, após ter concluído o magnífico romance, *Monsieur Ouine*, devotando-se apenas à criação de violentos panfletos antinazistas, a maioria deles reunidos na obra *Le chemin de la Croix-des-Âmes*.

Convém ainda evocar que Murilo Mendes, nessa linha memorialística que marca várias de suas obras, nos anos 1940 escrevera uma série de crônicas, *Recordações de Ismael Nery*, publicadas em visualizando a figura do artista e amigo Ismael Nery – que lhe transmitira, vindo de Paris, informações a respeito do surrealismo – e cuja morte em 1934 causaria a sua conversão para o catolicismo. Conversão essa que se realizou de forma dramática, conforme testemunhos da época, provocando surpresas e críticas no meio intelectual. Por exemplo, o jovem Carlos Lacerda, o futuro líder direitista do país, então comunista, escreveria na *Revista Acadêmica* (Rio de Janeiro, 1935) um artigo intitulado ironicamente “In memoriam de Murilo Mendes”.

Inúmeras reflexões em torno do catolicismo ou cristianismo permeiam o livro *Recordações de Ismael Nery*³ – publicado em 1996 e prefaciado de forma magistral por Davi Arriguicci Jr. –, no qual Murilo Mendes discorre não apenas sobre movimentos estéticos da época, como em particular sobre a personalidade profundamente mística e vidente do amigo pintor, destacando a militância religiosa desse e o seu desprendimento das coisas materiais, conduzindo-se na vida moderna tal um São Francisco.

² Murilo Mendes, “Bernanos: instantané”, *op. cit.*, p. 1571-3.

³ Murilo Mendes, *Recordações de Ismael Nery*, prefácio de Davi Arriguicci Jr., São Paulo, Edusp, 1996.

Salientamos esses aspectos em Murilo Mendes, evidenciados na obra *Recordações de Ismael Nery* – a sua adesão ao catolicismo, doutrina que em sua concepção deveria atender às reivindicações sociais, a admiração pelo amigo, Ismael Nery, voltado para os problemas da humanidade –, porque em seu texto sobre Georges Bernanos, ao relembrar a imagem desse, certamente ali expõe suas próprias inclinações ideológicas. E quanto à postura mesmo socialista de Murilo, dentro do ambiente católico brasileiro, o crítico e ensaísta Tristão de Athayde, numa entrevista de 1983, declarou que esse poeta era radicalmente favorável a uma “união da Igreja com o povo e não da Igreja com o Estado”.

É interessante relembrar também que a conversão de Murilo Mendes o levaria a escrever em 1935, em parceria com outro poeta profundamente católico – e que seria alguns anos depois amigo de Bernanos –, Jorge de Lima, a obra *Tempo e eternidade*, dedicada ao pintor morto Ismael Nery. E que nesse livro, ambos, Murilo Mendes e Jorge de Lima, buscando tratar conteúdos religiosos com formas inegavelmente novas, voltaram-se para um cristianismo renovado ou, conforme eles próprios o declararam, para a “restauração da poesia em Cristo”.

Aliás, quanto à renovação da literatura cristã, nos anos 1930, Alfredo Bosi informa em *História concisa da literatura brasileira*:

Um Péguy, um Bloy, um Bernanos, um Claudel dariam temas e formas ao novo catolicismo latino-americano que neles e nos ensaios de Maritain viu uma ponte segura entre a ortodoxia e algumas formas modernas de pensamento (Bergson), de praxis (democracia, socialismo) e de arte. Veio de Murilo a manifestação literária mais radical dessa diretriz no Brasil.⁴

Há, pois, nessa obra, *Tempo e eternidade*, de Murilo e Jorge de Lima – ambos amigos de Georges Bernanos, é preciso lembrar –, elogiada ou desvalorizada por uns e outros, uma linguagem bíblica na qual irrompem, num tom apocalíptico, imagens de uma beleza fulgurante. Exemplificando, no poema “A testemunha”, da obra citada, *Tempo e eternidade*, de 1934:

O céu se retira como um livro que se enrola
Um anjo blindado solta os sete pecados mortais,
Mulheres-cavalos galopam furiosamente nas ruas

Em traços rápidos, esse era o contexto literário no final dos anos 1930, em que se encontrava Georges Bernanos, em seu convívio com determinados intelectuais brasileiros, enquanto irrompia a guerra no continente europeu. No texto de Murilo Mendes, “Georges Bernanos: instantané”, como já se viu, treze anos após a morte do romancista, o poeta, na Itália, em língua francesa, rememora por meio da escritura os seus colóquios com o romancista estrangeiro. Por um instante, para o leitor, é como se houvesse um confronto concreto, real entre ambos: Bernanos subindo as escadas de uma casa, na cidade do Rio de Janeiro, sentando-se na poltrona diante do amigo doente e já revelando o seu temperamento explosivo ao se referir

⁴ Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, 37.ed., São Paulo, Cultrix, 1994, p. 448.

à guerra com seus protagonistas terríveis ou grotescos – Stalin, Pétain e Hitler: “Mal se instalava numa poltrona e ele invectivava contra a chuva, contra o sol, contra Pétain, contra Hitler, contra Stalin, contra Claudel e todos os acadêmicos, contra a General Electric...”.

Certamente, há um tom afetivo quase irônico ou cômico mesmo na forma de Murilo abordar de início o discurso ardente e repleto de invectivas de Georges Bernanos. Procedimento retórico, a *invectiva*, usado freqüentemente pelo autor francês em particular em seus escritos de combate, como sabem os leitores de suas obras, políticas em particular, tais como *Les grands cimetières sous la Lune* ou os panfletos de *Le chemin de la Croix-des-Âmes* ou *Lettre aux Anglais*. Lembramos, então, uma de suas invectivas célebres, citada com freqüência, extraída de *Le chemin de la Croix-des-Âmes* e que sem dúvida impressionaria fortemente no Brasil intelectuais como Sérgio Milliet e Murilo Mendes pela força de sua coragem e retórica. Aqui ouve-se Bernanos em seu discurso violento contra o governo francês e autoridades eclesásticas colaboracionistas no panfleto “Nous vous jetterons sur le parvis”, a propósito da prisão de Georges Mandel, político francês de origem judaica:

– entendez-vous bien, chiens qui vous êtes – chaque goutte de ce sang juif versé en haine de notre ancienne victoire nous est plus précieuse que toute la pourpre d’un manteau de cardinal fasciste – est-ce que vous comprenez bien ce que je veux dire, amiraux, maréchaux, Excellences, Eminences et Révérences?⁵

Mas há igualmente referências no texto muriliano, “Instantané”, à generosidade do autor de *Journal d’un curé de Campagne*, ao seu conhecimento da Redenção e do resgate operando-se por intermédio de Cristo, ciente de que ninguém se salva solitário mas somente na comunhão com o outro: “Suas apóstrofes e invectivas eram acompanhadas por um charme que provinha de uma bondade fundamental”.

Prosseguem os fragmentos, sempre se destacando em primeiro plano a figura do romancista, crescendo essa para o leitor até o final do texto, com sua gestualidade e intuição inesquecíveis. Assim, para Murilo, Bernanos conhecia a fundo o poder do pecado e sentira forte atração e repulsa ao mesmo tempo pela figura do sacerdote com seu ofício altamente significativo, o da confissão. Aqui o leitor de “Instantané” rememora o padre Donissan de *Sous le soleil de satan* numa peregrinação atormentada pelos caminhos dúbios da santidade ou o pároco de Ambricourt com o seu diário nas longas noites de solidão e angústia em *Journal d’un curé de Campagne*.

E quanto ainda à personagem do sacerdote, fundamental na obra bernanosiana, evocada por Murilo Mendes, há certamente o pároco de Fenouille em *Monsieur Ouine*. O sacerdote que recebera delações anônimas a propósito de um crime na aldeia e que num clima de estranheza discursiva em sua paróquia referindo-se em imagens insólitas à configuração do inferno: “Vous vous sentez tout transis, tout froids. On parle toujours du feu de l’enfer, mais personne ne l’a vu, mes amis. L’enfer, c’est le froid”.⁶

No desfecho do texto, Murilo Mendes – evidenciando-se mais uma vez as afinidades entre os dois intelectuais – alude aos olhos de Bernanos, de um azul intacto “dois sóis de um azul claro”, infatigáveis no desvendamento do mal “vasculhando do lado do príncipe deste mundo” ou, antes, do demônio. Personagem essa à qual o poeta, num depoimento ao lado de outros depoimentos de brasileiros como Tristão de Athayde, Jorge de Lima – reunidos pelo ensaísta Albert Béguin⁷ após a morte do ficcionista –, refere-se de forma contundente ao assinalar a irreverência de Bernanos em relação à própria Igreja:

Sachant que le démon se cache dans la maison du Seigneur, il (Bernanos) ne craignait pas de dénoncer son action secrète partout où il l’apercevait, et jusque dans le Secrétariat de l’État du Vatican, dans les Congrégations ou bien dans les anti-chambres de certaines Eminences. Il s’attaqua au monstre totalitaire, où qu’il fût. Il était contraint à l’excès, car son Ennemi est excessif.

No ponto de vista do poeta mineiro, Bernanos adaptara-se bem ao Brasil, talvez em virtude da anarquia, do gosto pela liberdade que há neste país “anticonformista e anticartesiano”. Demorou-se, portanto, entre nós, esse “homem vertical” que rezava e idolatrava Jeanne d’Arc. Essa Jeanne d’Arc que se tornou, igualmente para Murilo – fato aproximando-o ainda do escritor francês –, objeto de inspiração num poema marcado pela modernidade, com a utilização de palavras com similaridade fônica ou da paronomásia, constando da obra *Papiers*. E no qual a santa guerreira parece surgir como símbolo da paz. Assim, em língua francesa, ouve-se mais uma vez a voz de Murilo Mendes:

Le feu de Jeanne d’Arc.
L’hôtel de Jeanne d’Arc.
L’utel de Jeanne d’Arc.
L’arc-en-ciel de Jeanne d’Arc.
L’arcanisation de Jeanne d’Arc.
L’avenir sans Bombe. Sans épée. La paix.⁸

A figura memorável do autor estrangeiro, vertical pela prece ou inclinada sobre as muletas, permaneceu sem dúvida no imaginário de Murilo Mendes. E também permanecem para o leitor de “Bernanos: instantané” essas evocações particulares que se metamorfoseiam em escritura restituindo formas fantasmáticas do passado. Ei-las: Georges Bernanos sobe as escadas para visitar o amigo doente, sente dificuldades por causa da invalidez, parece cansado aos olhos do poeta, lá fora é o Rio de Janeiro. O tempo é a Segunda Guerra Mundial.

⁵ Georges Bernanos, *Le chemin de la Croix-des-Âmes*, org. Brigitte e Jean-Loup Bernanos, Monaco: Le Rocher, 1987, p. 513.

⁶ Georges Bernanos, *Romans*, Paris, Plon, 1994, p. 1119.

⁷ Albert Béguin (org.) *Georges Bernanos*, Paris, Ed. de la Baconnière, Neuchâtel, Seuil, 1949.

⁸ Murilo Mendes, *Papiers*, op. cit., p. 1599.